

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA

José Nilton Conserva de Arruda

(Universidade Estadual da Paraíba,
Departamento de Filosofia, Campina Grande, PB.)

Marianne Sousa Barbosa

(Universidade Federal de Campina Grande,
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Campina
Grande, PB.)

RESUMO: O artigo propõe uma análise e discussão de categorias teóricas construídas por Foucault e aprimoradas por foucaultianos, problematizando o seu possível uso como instrumento de análise da homoafetividade. Apresentamos os principais eixos temáticos de sua obra correntemente agrupada em três estágios: saber, poder e subjetivação. As categorias de *amizade* e *estetização da existência* exploradas na última fase de sua obra, possibilitam uma renovação das abordagens a respeito da homoafetividade, pois desafiam o discurso corrente da militância gay que luta pela afirmação da identidade, pelo fim da repressão sexual e pela liberação do desejo. Foucault problematiza cada uma destas reivindicações e acena com a possibilidade de construção de um estilo de vida gay que não se limitaria a repetir os modelos consagrados pelos heterossexuais centrados na legalidade, matrimônio e monogamia. Postula-se uma cultura gay que

não se sobreponha às formas culturais gerais, nem se conforme aos padrões vigentes, mas que possa agir nelas e sobre elas, modificando as próprias relações heterossexuais. Uma possibilidade real de transformação implica experimentar novas possibilidades, ao modo da experiência artística buscar uma estetização da existência, uma crítica da experiência vivida buscando descortinar novas alternativas.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault; Homoafetividade; Subjetivação.

ABSTRACT: The article proposes an analysis and discussion of theoretical categories constructed by Foucault and improved by Foucaultians, problematizing their possible use as an instrument of homoaffectivity analysis. We present the main thematic axes of his work currently grouped in three stages: knowledge, power and subjectivation. The categories of friendship and aestheticization of existence explored in the last phase of his work, allow a renewal of approaches to homoaffectivity, as they challenge the current discourse of gay militancy that struggles for the affirmation of identity, the end of sexual repression and the liberation of the desire. Foucault problematizes each of these claims and beckons with the possibility of building a gay lifestyle that would not be limited to repeating the models

established by heterosexuals centered on legality, marriage and monogamy. It posits a gay culture that does not overlap with the general cultural forms, nor conform to the current standards, but can act in them and on them, modifying their own heterosexual relations. A real possibility of transformation implies trying new possibilities, to the way of artistic experience to seek an aestheticization of existence, a critique of lived experience seeking to discover new alternatives.

KEYWORDS: Foucault; Homoafetividade; Subjectivation.

1 | INTRODUÇÃO

O problema ético, entendido como cuidado de si, e o problema político, enquanto resistência aos valores impostos pela pressão social se identificam na abordagem foucaultiana. Foucault desenvolveu categorias analíticas que recobriram essa sua compreensão da ética e do político e procurou verificar a operatividade dessas categorias analisando a homoafetividade enquanto um comportamento que tenciona aspectos da nossa compreensão tanto de ética quanto de política. A noção de *amizade* assumirá uma função importante na tematização foucaultiana, pois permite que ele se posicione na contramão das lutas correntes dos movimentos gays. Dessa forma, ele postulou uma problematização ética centrada na noção de *estetização da existência*, decorrente de uma escolha facultada por um *cuidado de si* que implica em uma resistência política e ética à imposição de modelos de comportamentos.

Embora os homoafetivos lutem pelo reconhecimento social e jurídico da sua condição, manifestado na busca de igualdade em relação aos direitos individuais já vigentes entre os heterossexuais: casamento, adoção e herança, Foucault destoa em relação ao foco dessa luta. Ele defende que os gays devem lutar por um novo direito relacional que escape dos modelos de relações já propostos pela nossa sociedade. Ou seja, trata-se de se reconhecer enquanto homoafetivo inventando e desenvolvendo, através de uma ascese contínua, um *modo de vida gay*, possibilitado a partir de uma estetização da existência, quando cada indivíduo procurar fazer da sua vida uma obra de arte. A ética foucaultiana da invenção individual se identifica com uma estetização da existência.

Para que o estilo de vida gay não seja construído tomando como modelo o estilo de vida heterossexual, é necessário assumir a amizade como a relação determinante para a sua inovação. Dessa forma, o estilo de vida gay conseguirá escapar dos modelos relacionais vigentes entre os heterossexuais e terá no cuidado de si um aspecto fundamental na constituição de um estilo de vida que explore novas possibilidades de vivência social e abra perspectivas para uma ética do sujeito.

2 | SABER, PODER E SUBJETIVAÇÃO

A homossexualidade é parte constitutiva de sua vida e de sua obra, dessa forma, é importante levá-la em consideração no que diz respeito a sua interpretação “pois está presente nas preocupações ao mesmo tempo pessoais e intelectuais que presidiram à escolha dos objetos de sua pesquisa” (ERIBON, 1996, p. 33). Foucault mesmo indica a importância de aspectos de sua experiência pessoal em relação a suas escolhas teóricas:

Toda vez que tentei fazer um trabalho teórico foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que via se desenrolarem a minha volta. Porque eu julgava reconhecer fendas, abalos surdos, disfunções nas coisas que via, nas instituições às quais estava ligado, em minhas relações com os outros, foi que empreendi tal trabalho – um fragmento de autobiografia (FOUCAULT, apud ERIBON, 1990, p. 41).

Didier Eribon, filósofo e escritor francês, apresenta uma importante ponderação sobre a relação entre a homossexualidade de Foucault e a sua obra teórica, alertando-nos que Foucault é um militante homossexual e que tal realidade não pode ser esquecida, mas não devemos transformar a sua homossexualidade na categoria fundamental para interpretar o todo da sua produção teórica:

[...] seria absurdo ler a marca da homossexualidade em cada passo da própria elaboração teórica. Se a experiência pessoal pode estar no ponto de partida de uma pesquisa, o trabalho teórico visa justamente a ultrapassá-la, escapar desse nível da experiência vivida para produzir uma análise que possa valer como demonstração na qual os outros poderão se reconhecer. Assim, é preciso, simultaneamente, dizer que não se pode explicar a obra de Foucault deixando de lado essa dimensão, mas que reduzir a obra de Foucault à homossexualidade equivale a esquecer de que um livro é produto de um trabalho e que todo trabalho intelectual se encontra necessariamente inscrito em um campo teórico no qual ele colhe suas referências, seus métodos, seus conceitos (ERIBON, 1996, p. 33-34).

Assim, importa muito mais compreender o que Foucault como teórico elaborou sobre a experiência homossexual, quais as críticas e contribuições apresentadas em vista de explorar novas possibilidades para a vivência do modo de vida gay. Devemos colocar em segundo plano o fato de Foucault ter sido um homossexual, pois de qualquer forma, ele desenvolveu um amplo esforço teórico para nos ajudar a resistir às tentativas de sermos definidos pela nossa sexualidade.

Podemos analisar a obra de Foucault dividindo sua vasta produção teórica em três fases distintas. Porém, todas elas voltadas à preocupação de se fazer uma história das “experiências”, “experiência da loucura, experiência da doença, experiência da criminalidade e experiência da sexualidade, focos de experiências que são, creio eu, importantes na nossa cultura” (FOUCAULT, 2010a, p. 7). Para nortear suas pesquisas, ele após uma questão para cada etapa de sua obra.

No primeiro momento, ainda muito próximo do estruturalismo, suas pesquisas estão diretamente voltadas para elucidar as perplexidades em relação à constituição dos discursos. Uma pergunta se impõe: de modo mais amplo ela é formulada como

o que podemos saber? Sua variação em terminologia mais foucaultiana implica responder o que é possível ser tematizado e dito em um dado contexto? Responder a essa questão implica construir categorias que possam dar conta da realidade do saber, das funções dos nossos discursos e conhecimentos. A preocupação primordial é compreender como os discursos são constituídos, quais as regras que são ativadas, as instituições que os produzem e o fazem circular como discursos verdadeiros.

Quando as suas pesquisas se voltam para as relações de poderes presentes na sociedade, importa responder uma nova pergunta: Quais são os poderes que precisam ser compreendidos e enfrentados? Suas análises voltam-se então para a compreensão das diferentes realizações das relações de poder e das possibilidades reais de resistência em cada contexto. O autor procura compreender a articulação desses saberes com estratégias e táticas de poder. O convite é para nos afastarmos do que ele chama de *grande mito platônico* que opõe saber e poder. Pede-nos para considerarmos o íntimo entrelaçamento entre poder e saber. Devemos nos deter neste ponto, pois ele é crucial para compreendermos o essencial de sua análise sobre a sexualidade em geral e a homoafetividade em particular.

Foucault nos convidou a pensar o poder em seus aspectos mais positivos, aqueles que constantemente nos assediam visando alcançar o nosso consentimento. O poder que incentiva, solicita estimula e consente. Julga ele que tal realização nos conduziria à superação de impasses teóricos presentes nas teorias que insistem na negatividade do poder: impede, proíbe, impõe, no limite é violento.

Assim, apresentamos a particular compreensão desenvolvida por Foucault sobre as relações de poder:

A essas alturas é importante atentarmos para o quanto a perspectiva foucaultiana se afasta das teorizações clássicas sobre a dominação e o poder, sejam elas empreendidas pelas tradições liberais – como, por exemplo, em Galbraith – ou pelas tradições weberiana e marxista. Na esteira de Nietzsche e na contramão da então mais que influente esquerda francesa, em meados da década de 1970 Foucault resolve dar as costas para os assim chamados ‘postulados que marcaram a posição tradicional da esquerda’ com relação às teorizações sobre o poder a saber, os postulados da propriedade, da localização, da subordinação, da essência ou atributo, da modalidade e da legalidade. (VEIGA-NETO In: RAGO, 2006, p. 23)

Foucault desenvolve a compreensão de que uma teoria do discurso é fundamental para se analisar a realidade do poder moderno, pois o concebe sempre ligado aos discursos que foram considerados verdadeiros em nossa sociedade. Não concebe o saber verdadeiro como uma realidade que possa se articular fora dos mecanismos de poder e nem o poder se efetivando sem um saber que lhe confira autoridade, sustente e justifique. Seu pensamento não é um ceticismo, uma posição teórica que se afirma contra procedimentos racionais, mas sim uma sólida crítica às concepções metafísicas da razão que a imagina como sendo sempre portadora de um devir totalitário constituído em oposição às lutas históricas concretas. Procura tão somente compreender qual a racionalidade que se estabeleceu e como, no interior de tal

racionalidade, determinadas verdades foram possíveis, em quais relações de poder se passou a definir o que é a verdade. Insiste-se em chamar a atenção para se entender a não neutralidade do saber verdadeiro e que nenhum saber se estabelece fora de determinadas circunstâncias estratégicas, no exterior de precisas e identificáveis relações de poder.

Mesmo que todos os saberes sejam gestados no espaço de tais relações de poder, marcados por esta vontade de verdade, nem todos os discursos são iguais e nem tudo é relativo. Importa, pois, ter sempre em conta as relações entre os saberes e os poderes para se entender o regime de produção das verdades, a política dos discursos verdadeiros e o modo como historicamente este regime de verdade sofre modificações. Foucault procura estabelecer um vínculo entre seu modo de compreender os discursos e a maneira pela qual os sofistas relacionam práticas e exercício, pois para eles um embate discursivo sempre objetiva fazer com que uma das partes seja a vencedora, tenha o seu discurso acolhido como verdadeiro para além dos princípios lógicos, portanto diretamente dependente do exercício do poder. (Conf. FOUCAULT, 1996).

Fazendo um elogio e ao mesmo tempo se filiando a esta matriz sofística no que diz respeito à compreensão dos discursos, pensado sempre a partir da noção de estratégia, pois tudo decorre de um jogo livre de argumentação, interesses e propósitos e, no dinamismo livre desses jogos sempre efetivados no espaço das onipresentes relações de poder, o discurso verdadeiro instaura-se não como decorrência direta de processos lógicos e racionais, mas por mecanismos de exclusão e inclusão cujas regras operam fora do próprio discurso e não se efetivam sem ativarem a violência.

A analítica foucaultiana do poder acentua o caráter relacional das forças que se confrontam, o poder de afetar e ser afetado de indivíduos que estabelecem relações. Porém, há um aspecto de suma importância nessa análise, a relação de força que o indivíduo estabelece consigo mesmo, quando ele se confronta em função da constituição de um modo de existência. A esse processo de constituição de um estilo de vida, Foucault chama de subjetivação.

Por fim, na última fase de sua obra, os problemas éticos o incomodam, ele sente a necessidade de responder sobre os modos de existência possíveis, isto é, como se dão os nossos processos de subjetivação? Compete agora desenvolver uma pesquisa que consiga iluminar a função das duas dimensões anteriores, o saber e o poder, na constituição das nossas subjetividades. Será necessário então examinar o papel dos discursos científicos e do tipo de poder que eles conferem aos seus detentores. A importância que os discursos científicos assumem na determinação das nossas escolhas.

Essa temática é desenvolvida no terceiro estágio do seu pensamento, opera um encontro da ética com a estética, mas não da estética com a moral, pois ele enfatiza a importância de se perceber bem a diferença entre as duas realidades. A moral ele associa ao que foi refletido nos estágios do saber e do poder, isto é, relaciona a moral

às forças coercitivas do poder que sempre tentam retirar do indivíduo a capacidade de escolha, e às regras do saber que se apresentam codificadas e sempre resistentes às transformações. A ética é o espaço real da invenção de si, pois associada às regras facultativas da subjetivação. Em cada situação as regras coercitivas e codificadas do poder e do saber tentam se apropriar da subjetivação do indivíduo, mas esse responde com uma estilização de sua existência. Nesse sentido, a ética funde-se à estética nas relações de cada um consigo mesmo.

A realidade que o pensamento moderno chama de *sujeito* é substituída na sua abordagem pela noção complexa de *processo de subjetivação*. Ela implica na necessidade de se afastar as noções de *identidade*, *unidade* e *interioridade*, pois “eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2004, p. 262). Nesse sentido é que se diz que há um descentramento do sujeito no pensamento foucaultiano, ele deixa de ser interpretado como uma realidade prévia e constituinte e é postulado como resultado do processo de subjetivação. Assim, a tensão contínua vivenciada pelo indivíduo visa à constituição de novos estilos de vida, de uma subjetividade que nunca é dada previamente, mas nessa relação de força do indivíduo que confronta a si mesmo.

Importa assinalar a natureza das regras vigentes no plano da subjetivação, pois ela se diferencia dos dois estágios anteriores: saber e poder. Se no campo do saber há regras anônimas atuando como formas estereotipadas, e se no âmbito do poder imperam regras coercitivas frente às quais é preciso resistir, no plano da subjetivação se inscrevem regras facultativas que circunscrevem um espaço real de escolha, de invenção da subjetividade. A chamada estetização da existência é justamente o resultado dessa resistência do indivíduo frente às subjetivações impostas. Estetizar a existência, fazer da vida uma obra de arte, resulta das escolhas éticas de cada um, é a realização de um processo de subjetivação.

O tema da homoafetividade poderá ser melhor analisado quando se articula as três fases do seu pensamento, pois nessa última fase ele se propõe discutir a constituição das subjetividades desde o mundo antigo até a contemporaneidade. Seus intérpretes apontam um retorno da ética no seu pensamento. Porém, sua ética é constituída em estreita sintonia com as duas fases anteriores. Os discursos científicos assumem um papel crucial nas sociedades contemporâneas, eles exercem um papel importante na configuração das relações de poder presentes na sociedade.

No campo da ética Foucault estabelece um diálogo com aspectos das éticas helenistas, centradas não no racionalismo de suas propostas, mas no *cuidado de si*, na *ascese*, na *espiritualidade* e *modo de vida*. O problema da autonomia na vivência ética poderia ser contornado por uma dada *estetização da existência* que contornaria a força de controle das nossas sociedades normalizadas e normalizadoras e, de quebra, permitiria uma subjetivação construída pelo indivíduo numa contínua luta contra as

subjetividades impostas.

O conjunto de suas pesquisas pode agora ser aplicado a um tema específico: a sexualidade. Com a publicação em 1976 do primeiro volume de sua *História da Sexualidade* – com o subtítulo de *A Vontade de Saber* – procura compreender como o binômio saber-poder e discursos científicos são constituidores das mais diferentes realidades ligadas ao sexo. Tal obra testemunha a abertura do pensamento foucaultiano para o problema da subjetivação e inaugura novas possibilidades de abordagem a respeito das sexualidades contemporâneas.

O discurso corrente dos grupos gays militantes clama por liberação sexual: costuma-se escutar o brado que é preciso pôr um fim à repressão sexual e liberar os desejos reprimidos; luta-se para que a identidade homossexual seja reconhecida e respeitada. A luta assume os modelos das conquistas heterossexuais, tudo o que pode ser vivenciado por aqueles com liberdade, deve ser assumido como bandeira de luta e conquista por parte dos homoafetivos. Desenvolvendo uma refinada análise das relações de poder, que afasta justamente a compreensão do poder como instrumento de repressão, Foucault contesta esses lugares comuns do discurso corrente e diz ainda um sonoro não à necessidade de um conhecimento científico sobre a sexualidade, pois julga que os homoafetivos precisam muito mais de uma “arte de viver” do que um saber que possibilite conhecer os aspectos secretos dos seus desejos.

Mesmo que no âmbito de uma luta por direitos, do ponto de vista tático, seja importante poder afirmar que se é homossexual, esta não deve ser uma meta estratégica, um objetivo primordial dos movimentos de liberação, pois justamente na constituição da identidade reside um dos pontos mais fortes dos mecanismos de controle das sociedades modernas. Além disso, Foucault resiste à ideia de que alguém possa ser identificado com e por meio de sua sexualidade. Objetivar o sexo e colocar o indivíduo como extensão de sua condição sexual, é um reducionismo que Foucault julga inadequado. Por outro lado, ele afirma que os homossexuais precisam muito mais de uma arte de viver, de inventar novas possibilidades de relações e valores que decorram da especificidade de suas vivências da sexualidade e das relações que lhes são específicas. Uma cultura gay que não se sobreponha às formas culturais gerais, mas que possa agir nelas e sobre elas, modificando assim, as próprias relações heterossexuais. A amizade é postulada como uma categoria que permite tematizar o novo estilo de vida apontado por Foucault.

3 | AMIZADE E RENOVAÇÃO DOS MODOS DE VIDA

Foucault nos aponta que a homoafetividade pode ser vivida na dimensão da amizade, da afetividade de relações constantes e não de encontros esporádicos. Já que, segundo ele, a amizade oferece oportunidades históricas de “reabrir virtualidades relacionais e afetivas” (FOUCAULT, 2010b, p. 351) e recusar toda uma cultura

homossexual que luta para construir uma identidade sexual a partir de pressupostos limitadores vigentes na sociedade.

Partindo da temática da amizade como relação social – vivenciada na Grécia Antiga, muito valorizada e respeitada entre os indivíduos que tinham relações afetivas intensas, norteadas pela liberdade entre eles – Foucault desenvolve uma análise que apresenta as razões pelas quais uma relação antes tão respeitada passa a sofrer uma desvalorização. Segundo o filósofo, tal retração observada ao longo do tempo se deve ao fato de que as estruturas políticas e as diversas instituições de poder se sentem desafiadas pela novidade dessas relações e correm o risco de não funcionarem “[...] diante de amizades tão intensas, e recorrem a diversas estratégias para controlá-las e extingui-las” (FOUCAULT, 2010b, p. 349). Ele acredita que os códigos e leis que regem tais instituições não comportam “intensidades múltiplas, de cores variáveis”, (FOUCAULT, 2010b, p. 350) características de novas formas de relação, como é o caso da relação homossexual, por exemplo.

Em entrevista publicada no jornal *Gai Pied*, intitulada de “*De l’amitié comme modo de vie*” (Da Amizade Como Modo de Vida), Foucault faz a seguinte indagação: “Que relações podem ser, através da homossexualidade, estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas?” (FOUCAULT, 2010b, p. 348) e nos diz através dela, que a sexualidade deve ser voltada, ou pelo menos usada, em prol da busca de uma multiplicidade de relações que estejam intrinsecamente ligadas ao problema da amizade. Neste sentido, acrescenta “... o interesse pela amizade está se tornando muito importante. Não se entra simplesmente na relação para poder chegar à consumação sexual, o que se faz muito facilmente; mas aquilo para o que as pessoas são polarizadas é a amizade”. (FOUCAULT, 2010b, p. 350). Relacionando homoafetividade e amizade, abrem-se novas possibilidades para o relacionamento, laços afetivos duradouros e não mais presos a simples satisfação do desejo sexual. A amizade pode ser um catalisador de posturas que favoreçam transformações sociais mais abrangentes. A amizade exalta as virtualidades existentes na vivência homoafetiva, possibilitando se pensar em um estilo de vida gay que seja alternativo ao modelo heterossexual, que consiga escapar de suas limitações e sobretudo do controle imposto pela sociedade.

Foucault faz a escolha teórica de utilizar o termo *gay* ao abordar e se referir à homoafetividade, pois segundo ele “Ser *gay* é, creio, não se identificar com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas procurar definir e desenvolver um modo de vida gay” (FOUCAULT, 2010b, p. 351). Dessa forma, é possível estabelecer uma neutralidade, já que a homoafetividade é vista culturalmente de forma *negativa* e a heterossexualidade *positiva*. Portanto, o propósito de Foucault é escapar dessa armadilha que obriga a homoafetividade a se definir pela heterossexualidade, mas com essa desvantagem de assumir a parte negativa do binômio homossexualidade/heterossexualidade.

O estilo de vida gay implica possíveis relações de afeto, carinho, companheirismo e fidelidade. Tais relações não são acolhidas com tranquilidade na sociedade por serem

vistas de maneira “perturbadora”, ou seja, o modo de vida gay guiado pela amizade atua potencialidades que incomodam muito mais que o ato sexual realizado entre iguais. Pois essas vivências apontadas acima, desafiam valores centrais da nossa sociedade. Foucault acrescenta que:

Imaginar um ato sexual que não se conforma à lei ou à natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que os indivíduos comecem a se amar, eis o problema. A instituição é tomada no contrapé; as intensidades afetivas atravessam-na, ao mesmo tempo em que a fazem suportar e perturbam-na [...] (FOUCAULT, 2010b, p. 349-350).

A amizade postulada por Foucault aponta novas possibilidades para a construção de um modo de vida gay alternativo àquele centrado no prazer imediato e encontros fortuitos, na construção de uma identidade específica, mas sem a suficiente problematização de quanto essa identidade é imposta pela sociedade que confere essa identidade não para integrar, mas para excluir. O principal fator na elaboração de um novo estilo de vida gay será a amizade que pode ser alcançada por meio de uma ascese individual, de uma auto elaboração construída no confronto cotidiano com as subjetividades impostas. Importa assinalar o quanto essa ascese se diferencia da prática cristã de renúncia e desprendimento de si.

4 | ASCESE E SUBJETIVAÇÃO

Foucault afirma que o ascetismo - doutrina moral de contemplação - como forma de “... renúncia ao prazer tem má reputação” (FOUCAULT, 2010b, p.350). Não é essa modalidade de ascese que interessa a Foucault, mas a ascese como um esforço que é feito sobre si para se transformar ou para fazer com que apareça esse si que não se alcança. Explora, dessa forma, a noção de ascese como uma prática que permite inventar, explorar possibilidades e criar alternativas. Afastando-se, portanto, da ascese como renúncia, como fuga do mundo, como anulação do desejo. (Conf. HADOT, 1999).

Uma ascese de constituição de uma novidade, não de renúncia a aspectos indesejáveis da personalidade. Este seria então, o problema da atualidade: “... colocamos o ascetismo em férias. Temos que avançar sobre uma ascese homossexual que nos faria trabalhar sobre nós mesmos e inventar – não digo descobrir – uma maneira de ser, ainda improvável” (FOUCAULT, 2010b, p. 350). Portanto, não negatividade, mas afirmação. Cada um deve atuar sobre si mesmo não para expurgar o que a sociedade julga como indesejável, mas para se reinventar a partir dos condicionamentos da própria sociedade. Não é a postulação de uma utopia, de um modelo abstrato de se vivenciar o estilo de vida gay, mas de explorar as possibilidades inscritas na própria sociedade que confere uma identidade para melhor excluir.

Sobre essa particular compreensão da ascese, enquanto prática que leva o sujeito a uma nova forma de vida gay, Ortega afirma que:

A ascese é uma tarefa de auto-elaboração. Na discussão atual sobre a amizade,

a ascese deve desempenhar uma função importante, pois mediante as práticas de si pode-se alcançar uma ascese homossexual, que permita inventar um modo de vida até agora improvável. As decisões sexuais possuem uma dimensão existencial, atravessam a totalidade da vida e são susceptíveis de transformá-la [...] Ser homossexual significa para Foucault ser em devir (ORTEGA, 1999, p. 166).

Na relação que Foucault estabelece entre a amizade e a homossexualidade, a ascese terá a função afirmativa de auto formação, auto elaboração, impulsionando a constituição de uma forma de vida gay. Não há uma definição prévia do que seria essa forma de vida, pois é justamente isso que Foucault quer evitar, oferecer um modelo pronto, acabado cuja realização devesse ser perseguida por todos. O estilo de vida gay, como uma nova forma de vida, não se deve pautar por utopias, mas por lutas constantes contra as subjetividades impostas.

Dessa forma, as noções de forma de vida e de amizade, teorizadas por Foucault, implicarão na recusa de toda uma cultura homossexual centrada na exigência de liberação do desejo e na procura de uma identidade homoafetiva. Tal recusa fará com que a homoafetividade busque explorar novas formas de vida sem a necessidade de se estabelecer mais uma diferenciação. Foucault afirma:

Esta noção de modo de vida me parece importante. Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria “o modo de vida”? Um modo de vida pode ser compartilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Ser gay é, creio, não se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida (FOUCAULT, 2010b, p. 350-351).

A discussão sobre a amizade consiste na análise de novas formas de relacionamentos, possibilitando a existência de relações duradouras e marcadas por sentimentos, o que não acontece na grande maioria dos casos homoafetivos por força da configuração social e das práticas discursivas que prende a homoafetividade no jogo da luta por liberação do desejo e construção de uma identidade.

Na abordagem foucaultiana o comportamento sexual não é tomado como um desejo procedente dos instintos da natureza humana ou como uma resposta às leis lícitas e limitadoras que dizem o que se deve ou não fazer. O comportamento sexual é visto como abertura para novas possibilidades de vivências e relacionamentos que possam ir além daqueles já efetivados nas relações heterossexuais. É necessário inaugurar uma nova consciência a respeito do que se faz. A valorização da amizade e afetividade, para além do prazer, possibilita que o modo de vida gay seja tomado positivamente e assuma dimensões políticas e éticas que possam transcender ao próprio interesse da militância gay:

O que eu gostaria de dizer é que, em minha opinião, o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste

mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa (FOUCAULT, 2010b, p. 352).

No espaço social e institucional vigente, as relações permitidas são pouco diversificadas e muito esquematizadas – quase restritas ao espaço familiar – porém, outras formas de relacionamento podem existir e desenvolver novos códigos, novos suportes sociais para além da institucionalização e da legalidade. Para Foucault, a ascese pode conduzir a um novo modo de vida, nele o indivíduo pode superar as barreiras sociais e históricas colocadas entre eles, já que o que ele vem chamando de modo de vida se constitui em uma realidade que pode ser vivenciada pelos indivíduos sem limites de idade, condições sociais e funções que possam desempenhar. Dessa forma:

A luta homossexual deve (nisto consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos anti-racistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo “direito relacional”, que permita todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las [...] A possibilidade de constituir formas novas de sociedade é também possível para a comunidade heterossexual, que tem de ser incluída na luta por um novo “direito relacional” (ORTEGA, 1999, p. 170).

No âmbito de tal concepção de modo de vida, não faz sentido lutar para que os homoafetivos tenham direitos iguais aos dos heterossexuais, pois segundo Ortega (1999, p. 169), “isto significaria a ampliação a círculos homossexuais das formas de comunidade e relacionamento reduzidas na atualidade aos heterossexuais, em vez de inventar novas formas de existência não institucionalizáveis”. Ou seja, lutar pelo direito de ter as mesmas formas de vida e de relacionamento que têm os heterossexuais significa institucionalizar e limitar uma forma de vida que tem a possibilidade de inventar uma série de possibilidades de existência, que podem ir além do casamento, da família e da monogamia.

Um autêntico movimento de transformação não deveria limitar-se a repetir padrões já consagrados em outras experiências, até porque já conhecemos o seu coeficiente de dominação, mas experimentar novas possibilidades, ao modo da experiência artística buscar uma estetização da existência, uma crítica da experiência vivida buscando descortinar novas possibilidades.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes preocupações éticas e políticas presentes na história da filosofia ocidental e analisadas por Foucault ao longo de sua produção teórica, são recepcionadas na terceira fase de sua obra, de modo muito específico, como estética da existência. Assim, de modo transversal ao tema da homossexualidade, os conceitos filosóficos de ética, política e *amizade* são reconstruídos por Foucault a partir de uma análise tanto

histórica quanto contemporânea sobre a condição homossexual, mas elevados ao nível conceitual e abstrato da filosofia, de modo que possam ser utilizados em outros empreendimentos teóricos.

A riqueza da abordagem foucaultiana está justamente em propor uma ética que implique imediatamente a política, pois o indivíduo deverá fazer escolhas em sintonia com o seu ideal de existência que nem sempre estará em sintonia com os modelos oferecidos pela sociedade. Dessa forma, ele é afirmativo quanto a essa equivalência, “concordo o bastante para dizer que de fato o que me interessa é muito mais a moral do que a política ou, em todo caso, a política como uma ética” (FOUCAULT, 2006, p. 220). A estetização da existência se constitui numa luta política de resistência ao caráter invasor e subjetivante do poder vigente nas sociedades modernas.

Dessa forma, podemos compreender como podem ser construídos conceitos filosóficos e apontar a sua operatividade na análise de um tema contemporâneo que costuma ser debatido sem muita criatividade teórica, isto é, repetindo categorias que são adequadas para se pensar outros problemas e aspectos da realidade, como a noção de poder enquanto uma realidade negativa e repressora. A nova compreensão de poder apresentada por Foucault, o poder entendido enquanto relações dispersas na sociedade, sem se submeter ao controle de ninguém, e muitas vezes ativados por nós mesmos, nos permite enxergar o problema de se lutar por uma identidade, pois a identidade constituída pode ser mais um efeito dos mecanismos anônimos de controle. Ao analisar a homossexualidade a partir de noções consagradas na tradição filosófica como *cuidado de si* e *amizade*, e postulando a partir delas as já também experimentadas noções de *modo de vida* e *estetização da existência*, possibilitam a Foucault operar uma renovação conceitual e propor uma abordagem criativa da temática, lançando luzes sobre as ações práticas que visam uma transformação das nossas vivências.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FOUCAULT, MICHEL. **A ordem do discurso**. Tradução Laura fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Ética, sexualidade e política*. (Ditos e Escritos V). Tradução Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum.** São Paulo: Landy, 2005.

_____. **História da sexualidade I. A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007 a.

_____. **História da sexualidade II. O uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

_____. **História da sexualidade III. O cuidado de si.** Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007c.

_____. **O governo de si e dos outros.** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010 a.

_____. **Repensar a política.** (Ditos e Escritos VI). Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.) **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490